



QUALIDADE DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA PÚBLICA SOB O PRISMA DA IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Cleylton Rodrigues da Costa¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - cleyltoon@hotmail.com

Dr. Jean Mac Cole Tavares Santos²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN maccolle@hotmail.com

Marcos Cesar Alves da Mota³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN - marcoschess@bol.com.br

RESUMO:

O debate sobre qualidade do ensino tem sido um tema continuamente fomentado para compreendermos o papel da educação e a função da escola pública, já a problematização sobre o ensino de sociologia vai ganhando lentamente espaço e, principalmente, a partir de 2008 quando a disciplina é reintroduzida mais uma vez na escola média em nível nacional. Neste texto, interligamos qualidade do ensino e ensino de sociologia para realizarmos uma contextualização e compreender a qualidade do ensino de sociologia na escola pública a partir do que estamos conceituando de “imaginação sociológica” no ensino médio. Para isso, procuramos compreender qual o sentido de imaginação sociológica de professores de sociologia e entender como essa imaginação contribui para a qualidade do ensino da disciplina sociologia na escola pública. A pesquisa foi realizada com estudantes da licenciatura em ciências sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Percebemos, pela visão dos professores, um entendimento positivo do sentido de imaginação sociológica no contexto do cotidiano da escola pública percebendo a imaginação sociológica como uma atitude revolucionária levando à ruptura de paradigmas de olhares, atitudes e pensamentos das pessoas sobre o mundo e sobre si.

PALAVRAS-CHAVE: qualidade do ensino; escola pública; ensino de sociologia; imaginação sociológica.

I. INTRODUÇÃO: Ensino de sociologia, objetivo e percurso teórico-metodológico do texto.

Ponderar sobre o percurso histórico do ensino de sociologia na escola pública brasileira não é o objetivo do texto, afinal, alguns sociólogos já se encarregaram em executar esse exercício crítico sobre a história e a institucionalização da sociologia enquanto disciplina na escola pública, especialmente no ensino médio, a exemplo: Meucci (2011); Sarandy (2004) e Moraes (2003) vem

¹ Aluno do Programa de Pós graduação em Ensino – POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN)

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

³ Aluno do Programa de Pós graduação em Ensino – POSENSINO (UERN/UFERSA/IFRN)



deixando um legado sobre essa reflexão mas, devo adiantar que, para compreendemos a vigente conjuntura do ensino médio, a qualidade do ensino de sociologia e a sua contribuição para a qualidade da escola pública, faço um convite para alcançarmos nestas considerações iniciais, um pouco do contexto deste percurso.

Sabemos que a sociologia enquanto disciplina na escola pública – especificamente no ensino médio – narra uma trajetória divergente das outras disciplinas, principalmente quando fazemos o exercício de comparação com ciências exatas e naturais. “Primeiramente, a disciplina Sociologia tem uma historicidade bastante diversa de outras disciplinas do currículo, tanto em relação àquelas do campo das linguagens como em relação às das Ciências Humanas, mas, sobretudo das Ciências Naturais.” (BRASIL, 2006, p.103- 104).

Dentro dessa juventude da disciplina, aconteceram diversos fatores que tornaram intermitente a realização da disciplina no ensino médio. A sociologia é uma ciência recente e a disciplina⁴ mais recente ainda, como sabemos, a sociologia surge no final do XIX e enquanto disciplina no Brasil, em meados do século XIX e XX, ganhando espaço nos cursos normais - nas escolas formadoras de professores - contribuindo para a sua inserção lentamente no currículo escolar, inclusive nos cursos preparatórios para vestibulares, fazendo com que no século XX se torne praticamente presente até ganhar a sua obrigatoriedade no ensino da escola pública. Porém, posteriormente, ela se torna facultativa até chegar a sua proibição no regime militar.

Durante esse tempo, questões pertinentes para a realização da disciplina na escola básica vão sendo deixadas de lado como, por exemplo: construção de materiais didáticos e reflexões sobre o próprio ensino. Porém, com a Lei n. 11.684/08, que reintroduz e tornam obrigatórias as disciplinas Filosofia e a Sociologia em todas as séries do ensino médio, o debate sobre o ensino de sociologia, a formação de professores em sociologia para a escola pública e a qualidade do ensino de sociologia renasce e a construção de novos livros e materiais didáticos.

Com a reintrodução e a obrigatoriedade do ensino de sociologia, algumas questões são levantadas com a reintrodução do ensino da disciplina: mas para que serve a sociologia? Qual o seu objetivo? Será se o que a sociologia proporciona na escola pública outra disciplina não seria capaz

⁴ Quando falamos disciplina sociologia, é para diferenciarmos da ciência sociologia ensinada nos cursos superiores em ciências sociais/sociologia. Sabemos que o cientista social/professor precisa realizar uma transposição didática para ensinar sociologia para quem não vai ser sociólogo tornando o ensino de sociologia para não orientar um ensino conteudista, apenas teoricista, “... o risco dessa orientação é tornar a disciplina a função de ensino de conceitos e não do desenvolvimento de “modo de abordagem” do real. Não que os clássicos não sejam importante. Qualquer cientista social sabe o valor do conhecimento seguro desses autores. Entretanto, acreditamos que o ensino médio não deva ser organizado em funções de estudo teórico semelhante ao do ensino superior de ciências sociais.” (SARANDY, Flávio. p. 74-75, 2011)



de desenvolver? É claro que várias questões vão aparecendo, e, uma das bandeiras levantadas para a obrigatoriedade era de que a sociologia poderia formar para a cidadania, entendemos que o ensino de sociologia vai além dessa formação para a cidadania, e percebendo a forma como ela cuida dos conteúdos estudados na sala de aula, ela pode contribuir para a qualidade da escola pública com um modo diferenciado de pensar a sociedade. Poderíamos dizer, que, de início, ela pode nos ensinar a aprender a “[...] pensar de maneira sociológica.” (GIDDENS, p. 19, 2012).

O caráter científico que ela proporciona para a escola pública não é simplesmente opiniões e senso comum, mas mesmo partindo do senso comum ela pode reorganizar esse pensamento para compreender o mundo. Do ponto de vista da promessa da sociologia seja onde esta estiver, nesse caso, na escola pública, um sociólogo chamado Charles Wright Mills vai dizer que a sociologia pode proporcionar uma “imaginação sociológica”. Será essa imaginação sociológica uma atitude que pode contribuir para a qualidade do ensino de sociologia na escola pública?

Partindo dessa inquietação sobre a qualidade da escola pública e a qualidade do ensino de sociologia à luz das atitudes da imaginação sociológica, procuramos compreender qual o sentido de imaginação sociológica de professores de sociologia e como essa imaginação contribui para a qualidade do ensino da disciplina sociologia na escola pública?

A pesquisa foi realizada com estudantes⁵ da licenciatura em ciências sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID⁶ que atuam na escola pública da cidade de Mossoró (RN). Os bolsistas que se disponibilizaram para o processo de investigação foram três, optamos procurar os bolsistas que estão no programa há mais tempo pelo fato de eles atuarem de forma mais efetiva na escola pública como professores iniciantes.

Evidentemente, que, por questões temporais, não assumimos, efetivamente, a etnografia, como metodologia da pesquisa, porém, alguns recursos metodológicos da pesquisa etnográfica foram utilizados para a realização e desenvolvimento da investigação. Como “Existem vários fenômenos de grande importância que não podem ser recolhidos através de questionários ou de análise de documentos, mas que têm de ser observados em pleno funcionamento.” (MALINOWSKI, p.32, 1922), realizamos observações participantes no programa de iniciação a docência com anotações em caderno de campo. Mais uma vez, devido o tempo da investigação e o

⁵ Para preservarmos a identidade dos sujeitos da pesquisa chamaremos de (PROFESSOR A; PROFESSOR B E PROFESSOR C)

⁶ O PIBID está vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – FAFIC e ao Departamento de Ciências Sociais e Política- DCSP da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.



recesso do programa, fomos redirecionados, pelos interlocutores do campo, a realizarmos, além das observações, questionários abertos para a agilidade e percepção dos dados para a construção do texto final. Paralelamente a esse processo investigativo empírico, o referencial teórico foi se amadurecendo e dando luz ao processo de interpretação e compreensão do objeto.

Enquanto ao caminho teórico e a estrutura do texto, para além de autores clássicos e contemporâneos sobre ensino de sociologia e ciências sociais, na segunda parte do artigo Milss (1982) e Bauman (2015) nos deram mais fôlego para interpretar e compreender o que vem ser a imaginação sociológica, ainda nesse primeiro momento, e, em todo o texto, Paro (2007), Lopes (2012), Lopes e Mateus (2014) e Oliveira e Santos (2016) consolidam a nossa compreensão sobre a qualidade do ensino e de educação na escola pública. Na terceira parte, interligaremos as percepções dos professores que estabelecem relação dialógica com o nosso tema questionado: qualidade do ensino na escola pública, nesse caso, ensino de sociologia.

II. RESULTADOS E DISCUSSÕES: Qualidade do ensino e imaginação sociológica na escola pública

a) Qualidade do Ensino

Quando pensamos em qualidade, precisamos pensar em qualidade de algo e nos perguntar: qualidade de que? Para quem? Onde? Por isso há a necessidade de ligarmos essa palavra a um determinado contexto e sentido, afinal de contas “O sentido do que escrevo neste texto depende de um contexto, de uma relação com quem o lê e dos acordos que temos, ou julgamos ter, em relação ao que falamos” (LOPES, 2012, p. 21), nesse entendimento, o conceito qualidade está entrelaçado com a categoria ensino, e, da mesma forma que a palavra qualidade precisa de um complemento, o vocábulo ensino também necessita de algo para te dar mais sentido e significado. Nesse momento específico, a palavra que vai contextualizar e ajudar a preencher o significado e sentido do termo ensino será sociologia. Qualidade de ensino; ensino de sociologia.

Devido à complexidade do entendimento sobre qualidade, “ressalta-se, também, a circulação de significados muito difusos para a expressão qualidade de ensino” (LIBÂNIEO, 2012, p. 15)., fazendo com que, “[...] nem sempre haja coincidência a respeito do conceito de qualidade – conceito esse que, ademais, raramente aparece explicitado de forma rigorosa.” (PARO, 2007, p. 15). Por não aparecer o conceito de qualidade de forma rigorosa e como um conceito fixo e fechado, muitas vezes, o entendimento da qualidade de ensino vai ser confundido e associado ao que é entendido por quantidade:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Na falta de um conceito mais fundamental de qualidade do ensino, o que acaba prevalecendo é aquele que reforça uma concepção tradicional e conservadora da educação, cuja qualidade é considerada passível de ser medida pela quantidade de informações exibida pelos sujeitos presumivelmente educados. (PARO, 2012, p. 20).

Parece-nos um equívoco realizar reducionismo da qualidade de ensino para uma questão tradicional e de quantidade, sobretudo pelo fato de termos como produto, o ser humano “*biopsicosociocultuta*”.⁷ E, assim, compreendemos a qualidade de ensino como uma atitude que possa contribuir para a convivência em grupo, com as diferenças e com os valores construídos históricos e socialmente.

Um ensino pautado pelo relativismo cultural e a compreensão humana, além de ser de qualidade, ele promoverá uma educação para compreender a si e o mundo em que vive, para a democracia e “[...] a interação entre os sujeitos livres” (PARO, 2012, p. 24), no contexto escolar. Como podemos perceber “[...] pesquisar sobre qualidade na educação exige perceber os híbridos sentidos de qualidade que permeiam o ambiente escolar – ação só possível, em nossa compressão, contextualizando o espaço escolar.” (OLIVEIRA e SANTOS, 2016, p. 43).

Dessa forma, a discussão sobre qualidade não está, obrigatoriamente, relacionado aos índices e testes de eficiência, está muito mais ligada às questões subjetivas, compreensivas, interpretativas, reflexivas e, também, pode ser uma questão de currículo. É preciso destacar que quando estamos referenciando qualidade como uma questão de currículo, temos consciência de que não podemos limitar o entendimento de qualidade apenas a uma questão de currículo, mas como uma questão multidimensional:

Um currículo de qualidade em uma perspectiva crítica pressupõe a possibilidade de ampliar a capacidade de pensamento crítico, de entendimento das relações sociais conflituosas, da conscientização de como a estrutura de classes sociais condiciona nossas formas de pensar e, sobretudo, de ação contra-hegemônica. (LOPES, p.19, 2012)

Para pensar um currículo de qualidade, é preciso compreender a presença de diversos sujeitos lutando por ela qualidade em um contexto, que, essa luta, faz sentido, afinal “a qualidade do currículo é afirmada como parte da luta de todos, projetando uma unidade social e um consenso curricular imaginário.” (LOPES e MATHEUS, 2014, p. 341). Como podemos observar o currículo de qualidade deve ampliar o pensamento crítico e entendimento sobre as relações sociais:

Ou seja: não se trata apenas de interpretar a sociedade como um todo estruturado em classes e entender os processos ideológicos que a sustentam, mas em formar consciência e capacidades de ação dos sujeitos para que essa sociedade se

⁷ In MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

transforme, pela desestruturação e posterior estruturação de novo modo de produção. (LOPES, p, 19, 2012).

Significa, “[...] olhar, em outras palavras, o quadro mais amplo – significa cultivar a nossa imaginação” (GIDDENS, 2012, p. 19).

b) Imaginação Sociológica

Quando pensamos em formação de consciência nos remetemos à capacidade de refletirmos como a sociedade nos levar a formar consciências que, geralmente, são falsas sobre acontecimentos cotidianos e socioculturais. Ou, que, nem sempre, são verdades absolutas. A sociologia, nessa perspectiva, com o auxílio de um professor formado em ciências sociais/sociologia vem contribuir para desmistificar essas visões e compreensão do que se passa no cenário histórico por meio da imaginação sociológica.:

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. (MILLS, 1982, p.11).

Porém, romper com as consciências falsas adquiridas em sociedade é um dos objetivos do ensino de sociologia. Para compreendermos melhor essas consciências falsas:

Talvez a distinção mais proveitosa usada pela imaginação sociológica seja a entre as ‘perturbações pessoais originadas no meio mais próximo’ e ‘as questões públicas da estrutura social’. Essa distinção é um instrumento essencial da imaginação sociológica e uma característica de todo trabalho clássico na ciência social. (MILLS, 1982, p.14).

Ainda sobre as concepções as nossas consciências falsas adquiridas na sociedade:

Nessas condições, consideremos o desemprego. Quando, em uma cidade de cem mil habitantes, somente um homem está desempregado, isso é seu problema pessoal, e para sua solução examinamos adequadamente o caráter do homem, suas habilidades e suas oportunidades imediatas. Mas quando numa nação de 50 milhões de empregados, 15 milhões de homens não encontram trabalho, isso é uma questão pública, e não podemos esperar uma solução dentro da escala de oportunidades abertas às pessoas individualmente. A estrutura mesma das oportunidades entrou em colapso [...]” (MILLS, 1982, p. 15).

Nesse sentido, compreender a imaginação sociológica, contribui bastante para pensarmos “a possibilidade de ampliar a capacidade de pensamento crítico” (LOPES, 2012, p. 19)., no contexto do ensino de sociologia, tendo em vista que “Para compreender as modificações de muitos ambientes pessoais, temos a necessidade de olharmos além deles.” (MILLS, 1982, p.17). Esse processo vai se dando a partir do momento em que a presente disciplina possibilita ao aluno um



entendimento mais específico e científico dos acontecimentos em suas vidas. Fazer com que o aluno, no meio dos questionamentos em sala de aula, reflita e diga a seguinte frase: *professor, eu nunca tinha pensado desse jeito*. São os modos de pensar, de forma sistematizada e reorganizada, que a imaginação sociológica pode desenvolver no cotidiano escolar um pensamento crítico e compreensivo da realidade social. “A reflexão sociológica ocupa um papel central para a compreensão das forças sociais que vem transformando nossa vida nos dias de hoje.” (GIDDENS, 2001, p.19).

A imaginação sociológica aprimora o processo de construção e desconstrução de argumentos sobre a realidade, as relações e as questões sociais. Nesse sentido, essa reflexão, diferencia do senso comum e de um entendimento, não tão sistematizado, sobre a sociedade. Se entendermos que, a qualidade do ensino “[...] oferecida deve referir-se, portanto, à formação da personalidade do educando em sua integridade, não apenas à aquisição de conhecimento em seu sentido tradicional.” (PARO, 2012, p. 34). O que estamos chamando de imaginação sociológica se apresenta como uma atitude que não apenas oferece uma formação da personalidade do educando, mas que ele repense, reflita e questione a sua formação. “É tarefa da imaginação sociológica ajudar as pessoas a compreender o significado de sua época em relação a suas próprias vidas, e é sua ambição, de acordo com Mills, fazer a diferença na qualidade da vida humana em nossa época. (BAUMAN, 2015, p. 13.)

Essa “qualidade mental” e esse “estado de espírito” como afirma Mills (1969) que a imaginação sociológica é capaz de proporcionar no ensino de sociologia. Uma disciplina, que, como qualquer outra, deve ser compreendido no contexto da escola pública como uma formação que “[...] vá além de uma proposta bancária de educação.” (OLIVEIRA, p. 33, 2011).

III. Percepções de imaginação sociológica e a sua contribuição para a qualidade do ensino de sociologia na escola pública

Quando Mills (1982) definiu a imaginação sociológica como uma qualidade de espírito fundamental para sermos pessoas melhores e perceber a influencia da sociedade em nossas vidas, um dos destaques dessa definição foi de que essa imaginação era, e é, até hoje, uma das promessas da sociologia. Neste texto, como já foi falado, estamos direcionando o significado de imaginação sociológica para o ensino de sociologia na escola pública, por esse motivo, o sentido de imaginação sociológica de professores que atuam nesse cenário é de fundamental importância para a investigação:

Imaginação sociológica é um ato que permite ir além das experiências e observações pessoais para compreender temas de maior amplitude. É uma prática criativa, que nos permite olhar as coisas de maneira diferente daquela a que



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

estamos habituados, nos permiti desenvolver uma capacidade de mudar de perspectiva, de estabelecer relações entre diferentes esferas que compõe o humano e social. (Professor A)

A imaginação sociológica, na perspectiva dos professores continua interconectada na capacidade de mudança, de ampliar o pensamento e de cultivar a nossa atitude de observar e compreender as influências socioculturais da sociedade em que vivemos.

O professor de sociologia tem um papel muito importante na sociedade, pois ele não ensina sociologia, ele desnaturaliza o natural, ele questiona aquilo que os alunos nunca questionaram, ele desperta no alunado uma nova maneira de ver o mundo no qual ele está inserido, é mostrar que suas ações não são isoladas de fatos históricos que moldaram e moldam a sociedade, é demonstrar em sala que somos um processo histórico de construção social. Penso que a imaginação sociológica pode ser desenvolvida, apreendida, discutida e trabalhada academicamente, mas na sala de aula, no dia-a-dia com o aluno, enfrentando todas as nuances de ser professor, que desenvolvemos e praticamos a imaginação sociológica, e se um professor de sociologia não tiver, pode abandonar a profissão docente. (Professor B)

Como podemos perceber na fala do (Professor B), ele enfatiza a importância de realizar o processo de desnaturalização e questionar o que, até então, não era questionado. É no contexto da escola pública que, ao conseguir “transformar/ o exótico em familiar e o familiar em exótico” Velho (1987), podemos chegar à uma ruptura do olhar. Estamos falando de um projeto de ensino que desenvolva “[...] uma verdadeira revolução epistemológica, que começa por uma revolução do olhar.” (LAPLANTINE, p.22, 1988).

Segundo o professor Tomazi, a sociologia visa formar indivíduos autônomos, que pensem de forma independente e que possam formular uma análise crítica sobre a realidade que os circundam. Como bem frisou C. Wright Mills, a Sociologia desenvolve a nossa imaginação sociológica. Assim, a imaginação sociológica tem o escopo de tornar o indivíduo consciente de todo o contexto social, político e histórico no qual está inserido e a disciplina sociologia no ensino médio proporciona ao aluno (a) o desenvolvimento desta consciência. (Professor C)

Compreende-se, que, “Se educação é atualização histórico-cultural, supõe-se que os componentes de formação que ela propicia ao ser humano são algo muito mais rico e mais complexo do que simples transmissão de informações.” (PARO, 2007, p. 21), portanto, nas concepções dos professores percebemos muito mais um discurso de desenvolvimento de uma consciência crítica do que mesmo um discurso de um ensino pautado na transmissão de conteúdos, teorias e conceitos. Por mais que Paro (2012) esteja referenciando a escola fundamental e, neste texto, estamos falando de ensino médio quando ele diz que “A escola básica, especialmente a de ensino fundamental, deixa de ser mera “transmissão” de conhecimentos, para assumir sua real



função educadora. Educação é formação do homem histórico.” (PARO, 2012, p. 64). Podemos interpretar na fala dos professores a imaginação sociológica como uma atitude pertinente para a formação do homem histórico.

Quando perguntamos se a imaginação sociológica contribui para a qualidade do ensino de sociologia na escola pública, o (Professor B) é objetivo em afirmar na contribuição da imaginação sociológica para a qualidade do ensino e enfatiza a questão da carga horária reduzida do ensino de sociologia no ensino médio, evidentemente que Paro (2012) está utilizando a perspectiva da administração para pensar a concretude da escola, mas vale fazer uma transposição desse pensamento para pensarmos também a administração do tempo para a realização das aulas (curtas) de sociologia no ensino médio:

“A esse respeito, embora não seja incomum considerar a administração uma disciplina essencialmente formal, ocupada apenas com métodos e técnicas e preocupada com o controle do trabalho alheio, é preciso dar ênfase a sua intrínseca dimensão mediadora, para não perder de vista a necessária adequação das ações, recursos e processos aos fins perseguidos.” (PARO, p, 27, 2012)

A Sociologia apresenta-se com uma carga horária muito curta no cotidiano escolar - cinquenta minutos de aula - implicando ao professor uma preocupação quanto à administração do tempo de aula e dos conteúdos trabalhados em sala. Nesse sentido, o professor de Sociologia vive um dilema entre conteúdo e tempo, onde uma carga horária reduzida não significa negligenciar conteúdos, mas dar atenção a um planejamento de aulas que serão realizadas em etapas menores, porém não menos importantes.

Sim, veja só, a carga horária da disciplina é uma aula semanal de 50 minutos, o professor tem e deve utilizar esse tempo da melhor maneira possível, não apenas se apegando aos conteúdos livrescos, e sim despertar no aluno uma curiosidade de saber mais, deixá-lo na vontade de continuar aquela discussão na próxima aula, deixá-lo na vontade de saber o que de instigante e intrigante aquele professor de sociologia ira falar, mostrar, passar de diferente de tudo que eu pensava. O aluno quer ser tirado do comodismo da certeza, com a utilização da imaginação sociológica faremos ele próprio questionar as suas verdades. Que podemos melhorar o ensino isso é fato, pois acredito que “ensinar” perpassa um mundo de coisas e possibilidades, mas acredito, se conseguirmos através da imaginação sociológica tornar os nossos alunos mais humanos e capazes de dialogar com o outro, já está valendo a pena ser professor. (Professor B)

Outro elemento presente na qualidade do ensino de sociologia sob o prisma da imaginação sociológica é um entendimento de que essa imaginação pode proporcionar aos alunos uma formação mais humanística. Pensar em uma formação humanística e, podemos acrescentar,



compreensiva, em uma escola que tenha um pensamento democrático e inclusivo é um dos nortes fundamentais para chegarmos ao ensino de qualidade na escola pública. Um ensino humanístico que, ao discutir cultura, compreenda que não existe uma cultura única, absoluta e dominante. Mas que compreenda que vivemos em um mundo que a pluralidade cultura, o multiculturalismo e as diversidades étnicas compõem o todo em que fazemos parte. Essas reflexões, devem ser extinguidas pelo professores para chegarmos ao ensino de qualidade:

Com base nas experiências de sala de aula, posso afirmar que maior parte do êxito em sala de aula, se deve a capacidade do professor estimular os seus alunos a olhar o mundo pela perspectiva da imaginação sociológica. O estudante que se apropria e interage com as análises sociológicas desenvolve uma reflexão crítica, um olhar plural em relação à sociedade e uma diversidade de realidades, permitindo aos estudantes observar a sociedade a partir dos outros pontos de vistas, além de constatar a variedade do humano. (Professor A)

Na visão dos professores, compreendemos a percepção da qualidade do ensino sendo pensando conectado com o entendimento da atitude da imaginação sociológica desenvolvida dentro da sala de aula pelo professor e pelo aluno. Uma atitude dialógica que interconecta pessoas e pensamentos.

O (a) estudante deve ter consciência da sua vida, do contexto social em que vive, da sua existência enquanto sujeito pertencente a um mundo real e globalizado, que está em constante transformação. Isto, como já dito na resposta da questão 1 é proporcionado pela imaginação sociológica. Nesse sentido, o conhecimento sociológico (e as reflexões por ele proporcionadas), ladeado das demais disciplinas humanísticas, como a filosofia, a literatura, a geografia, a história, entre outras, vai contribuir para o crescimento desses adolescentes que estão em formação, no sentido de oferecer suporte ao desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a realidade vigente. Além disso, irá estimular os questionamentos sobre os diversos assuntos e fenômenos sociais que são abordados pela sociologia e que fazem parte (ou não) do cotidiano desses alunos e alunas, além de ser fundamental para a compreensão das práticas sociais e para o exercício da cidadania. (Professor C)

Percebe-se também, a necessidade de diálogo da sociologia com outras disciplinas, no relato do (Professor C) ele direciona esse diálogo para as disciplinas humanísticas. A sociologia, desde o seu surgimento, vem discutindo temas que, por sua característica transversal, como por exemplo, o trabalho, a sociabilidade e a cultura, podem ser pensadas com a ajuda de conceitos, métodos e metodologias de outras disciplinas. O exemplo desse percurso é a contribuição da geografia e a história para o ensino de sociologia. O diálogo entre as outras disciplinas, ou até a interdisciplinaridade – apesar de não ser o nosso foco de discussão – oferece suporte crítico e reflexivo para a qualidade do ensino de qualidade de sociologia, além de proporcionar as relações de trocas entre profissionais e pensamentos.



IV. CONCLUSÃO: desenlace de ideias

O nosso objetivo, em nenhuma parte do texto, foi de conceituar, caracterizar e fechar um significado para qualidade de ensino, mas problematizar esse conceito complexo, multidimensional e líquido. Neste texto, discutimos a qualidade do ensino sob o prisma da imaginação sociológica, dando ênfase ao ensino de sociologia na escola pública.

Podemos perceber a imaginação sociológica, quando realizada no contexto da escola pública, uma atitude de formação humana e capaz de cultivar, reorganizar e tornar mais crítico o pensamento não apenas de cientistas sociais, etnólogos, professores, mas o pensamento de jovens e adolescentes que não, necessariamente, serão sociólogo, mas precisam desnaturalizar os fatos sociais. Como foi dito, pensar a qualidade do ensino e, principalmente a qualidade de um ensino embrionário como é o da sociologia, além de ser uma maneira de conhecermos mais o seu papel na escola pública, mas uma forma de lutar para legitimar cada vez mais esse ensino no currículo da escola média.

Como já falamos no começo do texto, a sociologia passou por uma descontinuidade no currículo da escola pública, lutar para que essa descontinuidade não volte, é o nosso papel. Mas para além de qualquer discussão que possa parecer militante, é preciso argumentar sobre a qualidade desse ensino e sobre a sua contribuição direta e indiretamente na qualidade da escola pública e na formação de seres humanos capazes de compreender que nossa história local está inevitavelmente conectada com a história geral. Fazer com que o aluno possa se afastar do seu pensamento com influências falsas e de suas noções prévias para pensar à luz dessas atitudes revolucionárias da imaginação.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Para que serve a sociologia?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ministério da Educação: Brasília, 1999.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais.** Ministério da Educação: Brasília, 2006.
- BRASIL. Lei n 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 jun. 2008.
- CIGALES, Marcelo Pinheiro; MOLIN, Naiara Dal. **A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA TRABALHAR AS QUESTÕES SOCIAIS E ÉTNICO RACIAIS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: UMA PERSPECTIVA FREIREANA.** In. Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política. ISSN: 2175-6880. P. 1-19.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- Ferreira ABH. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- HANDFAS, E. O ESTADO DA ARTE DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: um levantamento preliminar da produção acadêmica**. *Inter-legere (UFRN)*. , v.1, 2011 p.386 - 400.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1988.
- LOPES, A. C. **Qualidade da escola pública: uma questão de currículo?** In: OLIVEIRA, M. A. T. *Qualidade na escola pública no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p.13-30, 2012.
- PARO, V. H. **A qualidade da escola pública: a importância da gestão escolar**. In: OLIVEIRA, M. A. T. *Qualidade Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 57-73, 2012.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Objetivo, método e alcance desta pesquisa [1922]**. In GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1975, p. 39-62.
- MATHEUS, Danielle dos Santos; LOPES Alice Casimiro. **Sentidos de Qualidade na Política de Currículo (2003-2012)**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 337-357, abr./jun. 2014.
- MEUCCI, Simone. **Institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2011.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- MORAES, Amaury Cesar. **“Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato”**. *Tempo soc.*, Abr 2003, vol.15, no.1, p.5-2003.
- _____. **“O que temos de aprender para ensinar ciências sociais?”**. *Cronos (Natal)*, v. 8, p. 395-402, 2008
- OLIVEIRA, Amurabi. **Sentidos e Dilemas do Ensino de Sociologia: Um Olhar Sociológico**. *Inter- legere*, s/v, n. 9, p. 25-39, 2011.
- SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; OLIVEIRA, Márcia Betânia. **Contexto escolar e sentidos de educação de qualidade para o ensino médio**. *Educação Unisinos*, jan/abril. 2016
- SARANDY , Flávio. **A Sociologia volta à Escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil**. 2004. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- PARO, V. **Gestão escolar, Democracia e Qualidade de ensino**. São Paulo: Ática, 2007.
- VEIGA, G. C. **A qualidade da escola pública: uma perspectiva histórica**. In: OLIVEIRA, M. A. T. *Qualidade Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 97-117, 2012.
- Velho, Gilberto. **‘Observando o familiar’**. cap. 9 In *Individualismo e Cultura*. RJ: Jorge Zahar. P. 121-132, 1987.